



Jornal das Senhoras – Tomo V. – 14 de maio de 1854 – Edição 20

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00020.pdf

3º ANNO.

TOMO V. — DOMINGO, 14 DE MAIO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

DA MUSICA SAGRADA E DA SUA INFLUENCIA RELIGIOSA.

O seguinte artigo, do distincto pianista Kontski, nos foi enviado por uma das nossas assinantes, pedindo a sua publicação, o que fazemos hoje com muito prazer.

Transportado a novas regiões, lanço em redor de mim um olhar inspirado. Vejo o mundo em que se reflecte o esplendor do Ente sublime que o creou, o Céu como que formando o tabernaculo do Eterno.... a minha fraca intelligencia, curvada para o pó da terra, não póde com o peso do espectaculo de tão augustas maravilhas: suspende-se silenciosa!...

(HERDER.)

Que missão ha mais bella na terra para o homem, que a de testemunhar a sua profunda gratidão ao Eterno por todas as dádivas com que nos tem beneficiado?! Esta missão incumbe sobretudo aos artistas, pintores, poetas e musicos: sobre tudo estes desempenhão o mais amplo e brilhante papel daquella formosa trindade, porque a musica sagrada é a que mais influe nas multidões, a que penetra no mais recôndito do coração humano, e move até a minima fibra da

alma christã! E' inherente á nossa santa religião, vivifica tudo, levanta do corpo terreno a alma para transportal-a ás regiões celestes, e antecipadamente lhe deixa entrever o infinito!

E' portanto, repito, a mais bella missão de um artista poder pelo seu talento remontar á mais subida esphera de sua arte, isto é, á composição da musica sacra em toda a sua magestade e belleza. — Entrai n'uma cathedral na occasião da missa solemne, sentireis a sublimidade dessa musica, reboando pelas abobadas os prestígios das harmonias celestiaes, que vos cercão por todos os lados, vos repassão da santidade dos mysterios, ora vos fazem verter lagrimas, ora estremecer, em summa sentir o que em nenhuma outra parte poderieis sentir, porque ouvis a musica despojada de todas as frivolidades mundanas, e que se torna angelica, magestosa, mystica, cheia de santa inspiração. Que bello drama musical! que sublime pagina da arte, o *Credo*! Que vôo não deve tomar a imaginação do compositor nesta parte da missa, em que de um lado ha de manifestar-se grandissima dor, e do outro o maximo jubilo; dous tão pronunciados contrastes, e tão esplendidos, que cumpre se auxiliem reciprocamente para os grandes effeitos que deve produzir e desenvolver o artista talentoso! E quando no acto da *elevação*, do meio do silencio e recolhimento religioso o órgão, o rei dos instrumentos, faz ouvir aquelles sons tão suaves, tão maviosos, suspirando tão sentida e gravemente. Sois commovido involuntariamente; os vossos pensamentos harmonisam-se com o verbo divino que está na musica, porque é ella tambem infinita

e divina quando não a fazem trivial e profana.

Que objectos ha, com effeito, por mais sagrados que sejam, que não tenham sido desfigurados e profanados? E por isso as cousas santas deixão de ser santas? Não; são e continuão a ser santas.

O homem de costumes depravados, falto de educação, ou com educação viciosa, malévolo, invejoso, odio, e curto de idéas, sevandijará tudo em que tocar, e não podendo elevar-se a immensidade, rebaixa tudo ao nivel de suas acanhadas faculdades: — pelo contrario o homem dotado de alma nobre e generosa, e de educação superior, tendo só pensamentos puros de vicios, e amor pelo bem, cuja vida leal e christã não alimenta rancores; nem invejas, elevar-se-ha ás mais altas regiões do grande, do bello, do sublime. E é isto o que se requer para ser verdadeiramente autor de musica sagrada, dessa musica divina, que deve cantar os louvores de

Deus e os santos mysterios da religião christã; dessa musica, que deve despojar-se de toda a porção terrena, e entrar nos caminhos da igreja, pura e santa, perfumada de aroma divino, como virgem innocente e angélica, vestida com a túnica da alvura do cysne, e derramando em torno de si fragrancias de santidade.

A musica sacra, considerada sob este aspecto, como apoio da religião, como elevação da alma a Deus, como dotada de immensa influencia religiosa nos fieis, é o assumpto mais sublime, a missão mais nobre que póde emprender um artista. Mas quão mui deve reflectir, na tarefa á que se abalança, tendo a consciência da sua importância! Semelhante a Abel, deve offerecer a Deus a sua ovelhinha de brancura immaculada: deve offerecer a Deus os seus pensamentos mais puros, os seus mais harmoniosos accents, as suas melodias mais suaves, emfim a essência do mais mimoso perfume de uma alma verdadeiramente christã. — « Porém (talvez me digão) credes que todos os que têm composto missas, *requiem*, psalmos, forão como acabais de descrever?.... » — De certo que não; mas, por isso, que quantidade não ha de composições de musica ecclesiastica ruins ou triviaes, que mais se parecem a coros e árias de operas e bailes do que á musica sagrada! Quantos organistas julgão tocar órgão, porque conhecem o teclado; e toçãõ musica péssima de piano naquelle instrumento, e assentão assim que são organistas! Não são tal e protesto com o vigor da minha consciência artística contra semelhante barbaria, que avilta a musica sacra, substituindo-a pela ruim musica profana, crime, em meu entender, de lesa-religião, porque, em lugar de augmentar o pio recolhimento de espirito dos fieis, lhes promove distracções mui pouco edificantes pelos retornellos de gênero grotesco, que são executados de um modo nada menos análogo.

E' tempo de acabar este abuso da parte mais sublime da nossa arte: é tempo de recuperar a musica sacra o seu lugar com toda a dignidade que reclama a nossa Santa Religião, com toda a pureza de estylo, com todo o fogo e fervor de alma piedosa. Ha muitos compositores que pensão que a musica de igreja deve seguir os movimentos do seculo, e por consequencia deve ligar o estylo dramatico-scenico ao da musica sagrada. Este erro tão crasso! Por ventura a nossa Religião é alguma paixão foga e mundana? Não: ao contrario requer a abnegação própria, o exercicio das virtudes, alma serena e pura, recolhimento do espirito, propagação do bem, desterro e exterminio dos vicios e paixões impuras; para que pois introduzir na musica sagrada o que não tem este character? A musica de igreja deve ser accorde com a Religião, isto é, grandiosa, de pureza virginal, de pio recolhimento, de estylo expurgado de quanto possa recordar a musica mundana. Assim compoz *Palestrina*; é nesse estylo tão purificado e tão sublime que escrevia os seus psalmos o illustre *Marcello*; entre os mais modernos, citemos *Mozart*, *Hendel*, *Cherubini*. Nas suas composições se reconhece o verdadeiro gênio, se

patenteia a riqueza da harmonia, se revela a sciencia em toda a sua grandeza e magestade. — Entre os Hespanhoes modernos citaremos o maestro *Eslava*, director da Capella real de Madrid, autor tão sciente quanto laborioso, o que por suas obras no gênero religioso é uma illustração do seu paiz.

Entre os celebres organistas, não posso omittir o sabedor *San-Clemente*, organista da Sé de Sevilha, e *Gomez*, organista da mesma cidade. Mas quão diminuto é o numero destes artistas conscienciosos?... E' portanto, cousa assentada, que carecemos absolutamente de uma regeneração na musica sagrada. Mas como poderemos obtel-a?... Direi: é sabido que a penna e a tinta estão ao alcance de toda a gente, o sol resplandece assim para os bons como para os maus. E', pois, cousa facil o escrever; mas escrever bem, não é dado a todos. Haja vista quantos são os sábios autores como *Beethoven*, *Weber*, o abbade *Vogler* e outros que poderia citar.

A sciencia da musica é uma sciencia mui arida, e para isso é preciso entrar nella desde a primeira mocidade: todavia, e apesar das difficuldades que apresenta, vem a ser uma língua usual para quem a conhece miudamente. O artista, chegado ao apogeu de sua arte, escreve com facilidade e sem embaraços, porque conhece todos os recursos da mesma arte, que emprega segundo a inspiração que possui; pôde assim abalançar-se á grande partitura, á musica dramática, a de sala, á de igreja, certo de que escreverá musica com correcção e sciencia. Todavia cumpre confessar que se pôde escrever sem defeitos, sem comtudo possuir o que se chama verdadeiramente talento, gênio. O saber não é mais que o regulador; ao passo que o gênio é a inspiração, é o vôo da alma, é a vida, é tudo... Portanto, quando um homem dotado de imaginação ardente é ajudado de sciencia e trabalho, está no caso de produzir obras immortaes, que lhe sobrevivão, e então é que trabalha como homem eminente, porque trabalha para a posteridade! — Mas, entre os homens dotados dessas qualidades superiores, nem todos podem abranger completamente todos os gêneros da musica, porque ha sempre um em que sobressaíem com especialidade. Cumpre pois que o artista examine

qual é o gênero para o qual acha em si mais tendencia; e que depois tenha sufficiente grandeza d'alma para se desviar dos outros gêneros. — Na musica sagrada, é a religião que influe sobretudo na imaginação: sem ella não ha sublimidade de pensamentos, visto que a musica é a linguagem do coração, linguagem que não tem rival. O autor desta musica deve possuir a fé necessária, a elevação d'alma superior a baixezas e enredos; deve caminhar desembaraçado para a sua balisa, afim de que a sua obra seja verdadeiramente religiosa, e possa arrebatat pela

força do seu gênio as almas de seus ouvintes. A musica sagrada, regenerada em toda a sua pureza, virá a ser um grande apoio da religião catholica. E' um elemento novo da sociedade, e o poder deste elemento é incalculável. — Contemple-se que nos primeiros tempos do christianismo, immediatos aos dos apóstolos, a força da igreja procedeu de philosophos convertidos, os Justinos, os Athenagoras, os Clementes d'Alexandria, os Tacianos, os Tertulianos, os Agostinhos, que pertencerão ás seitas philosophicas antes de serem defensores da verdadeira religião! Facil será de comprehender o que póde emanar dos esforços e zelo de todos os homens de intelligencia ligados ao christianismo. Incumbe portanto aos verdadeiros artistas, aos artistas intelligentes, como fizeram aquelles philosophos a respeito dos dogmas, expurgar a parte musical profana, e indigna de nossas igrejas, que introduzirão os que, por falta de Fé e de sciencia, compozerão obras destituidas da dignidade e pureza convenientes á santidade da religião catholica.

Quantas vezes não tenho presenciado, nas igrejas, a liberdade que os organistas tomão de tocar passagens da *Norma*, de *Macbeth*, de *Lucia* e de outras operas! Que se dirá disto? Nada, porque tudo o que se dissesse não seria bastante para reproval-os. Pela minha parte declaro que, professando a musica, fujo das festas solemnes, e só vou ás missas resadas; tal é o desgosto que me inspira ouvir ao pé de mim, como por vezes tem succedido, dizer: — « Repare; é um trecho de *Macbeth*; a propósito, como achastes hontem no theatro de *** a *prima donna*? » E assim se encadeião as perguntas e as respostas, esquecendo os interlocutores o logar em que estão, e sahindo com o pensamento occupado de cantores, dançarinas, etc.

Ninguém creia que póde vir a ser grande artista o que se limitar simplesmente á musica: o espirito cultivado, a boa educação, a leitura dos escriptos eruditos, as obras primas da litteratura, tudo isto alimenta as artes, eleva a alma, vivifica a imaginação. Então a sciencia e o gênio, auxiliando-se reciprocamente, produzem o grande artista e obras immortaes. Para as composições religiosas, a lição das mais notáveis obras de Bossuet, de Massillon, de Fénélon, do Chateaubriand, dará ao artista toda a elevação de alma, toda a nobreza de coração, e o disporá perfeitamente para escrever musica sagrada.

Se alguém se persuade que as artes degenerão, engana-se; quem degenera são os que de artistas só têm o nome, e que desprovidos de profunda sciencia, de educação conveniente, se lançarão á parte mecânica e superficial da arte, rebaixando-se ao nível da sua insufficiencia mediocridade, e materializando uma das artes mais sublimes.

Mas, inda assim, nem a todos se ha de pôr a culpa, pois que muitas vezes procede de seus pais, que um dia tiverão a lembrança de dizer: — « Que hei de fazer de meu filho? Não presta para nada; é preguiçoso, não tem habilidade para uma occupação grave; façamol-o

musico. » — E, sem mais nem menos, o fazem arranhar n'uma rabeca, ou mais geralmente dedilhar no teclado de um piano. Ao cabo de alguns annos de estudo, se tal nome merece o simples conhecimento das notas e poucos mais accessorios, ensinados por um mestre do clarinete ou por um rabequista cego (porque todos assentão poder dar lições de piano), consegue o rapaz, já adulto, tocar duas ou três peças mais ou menos limpamente, chama-se artista, e julga no auge da sua fatuidade os que estão muito acima d'elle, cujo saber disputa, e isto naturalmente, porque a mediocridade nunca poupou os talentos eminentes. Chega a dar lições, ignorante elle próprio dos princípios, e a final vem a ser mui conhecido... em sua casa.

O estudo profundo e consciencioso, a applicação continua da theoria combinada com a pratica formão o homem. Somente pela grande experiência das cousas e por elevadas meditações, chega um homem a ser senhor de si e a poder contar comsigo, quanto é dado á um ente mortal. Entre os verdadeiros artistas não deve existir senão uma nobre emulação. Esqueçamos portanto o rasteiro ciúme e a inveja de torpe catadura: e congratulando-nos todos, como filhos da grande família, consagremos nossos trabalhos nesta arte divina — *Para maior gloria de Deus!*

ANTONIO DE KONTSKI.

MIRANDA DE ARAGÃO.

(Historia da Inquisição.)

(Continuado do n.º 19.)

A peleja fôra renhida e custara aos Francezes muitas vidas; cumpria, pois, mandar alguns officiaes ao interior da França recrutar soldados. Henrique foi um dos escolhidos. No desempenho desta commissão teve de entrar em uma pequena villa, situada em uma serrania perto de Bagnères,

— 156 —

e ahi lhe fugiu um moço que pouco tempo antes tinha alistado. Não querendo poupar meio algum de descobrir o desertor, foi elle mesmo explorar as montanhas com um piquete dos seus soldados. Não houve cabana nem toca que elle não examinasse, e descobrindo ao longe uma casinha de aspecto agradável, para ahi se encaminhou com igual destemor. Fora da porta estavam sentadas duas mulheres vestidas de luto, a sombra de um grande castanheiro; pareceu que a vista de Henrique as deixara mui perplexas; emquanto a mais velha das duas procurava

deter a outra, aproximou-se Henrique, e esta lhe perguntou com certo ar de inquietação o que ali o levava.

— Nada receeis, senhorita, respondeu-lhe Henrique; não vos daremos grande incommodo, e curta demora teremos; andamos no alcance de um desertor, e devemos pedir-vos permissão para dar busca em vossa casa.

— E' justamente o que eu suspeitava, respondeu a senhorita, e por isso mesmo desejo fallar-vos a sós! Poupar-vos-hei o trabalho de dar busca, accrescentou ella tremendo, confessando-vos francamente que está o moço occulto nesta casa; não será porém cousa fácil descobrir o logar em que se occultou.

Henrique, como não entendesse o sentido em que ella dizia estas palavras, respondeu-lhe promptamente:

— Não é minha intenção deixar de pagar o prêmio que em casos taes se costuma dar.

A moça olhou para elle com ar de indignação, as faces corarão-se-lhe. Apoz uma outra pausa, disse-lhe:

— Pego-vos da palavra, e bem que me não entendesseis, exijo um prêmio alto.

— Qual é?

— A liberdade do moço!

— Oh! disse Henrique sorrindo-se, é isso exigir muito, minha amável menina! O vosso amante deve entregar-se, aliás mando já dar busca, e talvez que o leve a elle e a sua Dulcinea também!

A moça recuou alguns passos, e disse-lhe com altivez:

— Nenhuma relação tenho com o desertor. Se confiei mais do que devera sobre a vossa generosidade, a culpa não é minha, sim delle, que muito elogiou a vossa humanidade.

— Não sou por certo deshumano; mas neste assumpto não me é permittido seguir os dictames do meu coração; tenho de obedecer aos meus deveres, e de lembrar-me somente do bem da minha pátria.

— Muito bem, respondeu a moça, se é isso o que tendes em vista, cedo vos convencerei de que a pátria carece tanto de bons cidadãos como de bons soldados! Referiu-lhe então o como o moço incorrera no ódio dos magistrados, procurando resistir á sua oppressão; como elle e sua família tinham ficado por isso reduzidos á pobreza; e como, tendo já dous irmãos no exercito, o querião agora arrancar dos braços de sua velha mãe, a quem sustentava com o suor do seu rosto, somente para satisfazerem o seu insaciavel desejo de vingança. Descreveu-lhe com lagrimas nos olhos a miséria da mãe, e concluiu, assegurando-lhe que se não tivera elle por acaso vindo ali, o teria ido procurar para pedir-lhe de joelhos a liberdade do infeliz moço.

— Julgo que tendes razão; tornou Henrique depois de ter estado por alguns momentos pensativo; mas entregarão-me publicamente esse rapaz, e eu não posso nem devo ser connivente na sua fuga.

— Mas eu sei como isso se póde remediar, respondeu a moça. Supponhamos que achados substitutos: ainda ha pouco me assegurou elle que conhece muitos rapazes que de bom grado se alistarião, dando-se-lhes um bom prêmio.

— Se puder achar dous homens para dar por si terá a sua baixa immediatamente. Mas se elle é pobre, onde irá buscar o dinheiro para lhes dar? Supponho que no cofre da sua amável madrinha!

— Não, por certo, tornou a moça, arrasando-se-lhe os olhos de água, eu nada posso fazer. Sou ainda mais pobre do que elle; comtudo, lisonjeava-me com a idéa de que o dinheiro de que carece poderia elle haver de vós.

— De mim? exclamou Henrique. O dinheiro que tenho commigo é do rei, e não posso dispor delle a meu alvedrio.

— Não era com esses fundos que eu contava, respondeu ella timidamente. Disserão-me que ereis rico e generoso; para aquelles que têm coração e meios, julgo que podemos appellar com confiança.

Henrique olhou para ella com a maior surpresa, e perguntou-lhe:

— Se eu der o dinheiro, quem me garante que o moço não fugirá com elle, rindo-se de mim?

— Eu! respondeu a moça. Se confiei em vós, não tenho tambem algum direito a esperar que confieis em mim? Concordai no que vos proponho, accrescentou ella estendendo-lhe a mão.

Henrique apertou-a com signal de consentimento, olhou por muito tempo com emoção para os seus olhos negros, e disse-lhe:

— Confio em vós! Eis a minha bolsa, dai-a a esse moço, e mandai-o vir á minha presença; mas que nem uma palavra me diga acerca do que entre nós acaba de passar-se.

Henrique despediu-se e pediu permissão para voltar outra vez á tranquilla habitação desta amável moça, cujos olhos estavam arrasados de lagrimas de gratidão.

Saint-Lorent não esteve ausente muito tempo; passados tres dias voltou á solitária morada e foi recebido com bondade. O dia estava calmoso, e sentindo-se fatigado do passeio, pediu um copo de vinho. A moça mostrou-se um pouco perturbada, olhou para a velha, e entrou para o interior da casa com as faces mais rubras que o carmim. Depois que se foi começou a velha a *fallar*: — Pobre menina, disse ella, não sabe como desculpar-se por não ter em casa vinho para dar-vos, pois todo o que tínhamos beberão os vossos soldados quando aqui estiverão.

Vedês tudo arranjado com elegância, mas perdemos o nosso bemfeitor; e achamo-nos reduzidas hoje a

— 157 —

um estado de pobreza a que não estávamos acostumadas.

Mal acabou de fallar, entrou a moça com um copo de leite.

— E' este o nosso vinho! disse-lhe ella sorrindo-se.

Henrique bebeu-o com avidez, e assegurou-lhe que era mais delicioso do que o vinho. Referiu-lhe então que o moço tinha sido fiel á sua promessa, e que havia dado dous homens por si. Fallou-se outra vez na aventura do desertor, e assim passarão as horas velozes, até que assomou a noite, qual hospede mal-querido.

Mira, era esse o nome da moça, foi buscar algumas fructas para a ceia, e a velha aproveitou de novo a sua ausência para repetir o que já tinha dito acerca de sua desgraçada posição. Henrique, cobrando animo, aventurou-se a dar-lhe uma bolsa cheia de ouro, que ella aceitou como empréstimo, segundo disse, e convidou-o a jantar no dia seguinte, promettendo dar-lhe alguma cousa mais substancial. Quando Mira voltou, disse-lhe a velha que tinha convidado Henrique para jantar.

— Na verdade, senhor, tornou Mira, não devíamos convidar-vos, a menos que não gosteis de uma comida mui frugal.

— Deixai isso por minha conta, disse a velha; eu vos asseguro que nada ha de faltar.

Henrique repetiu muitas vezes as suas visitas, e não tardou em conhecer que só era feliz quando estava na habitação de Mira. O formoso jardim que a cercava, e o elegante arranjo do interior, tornavão-a uma residência agradável, e attestávão o gosto de sua possuidora.

A indigencia em que então se achava parecia ser de curta data. Henrique, á medida que ia conhecendo mais de perto o objecto do seu amor, não podia deixar de admirar o seu talento e a sua variada instrucção.

A maneiras, da maior simplicidade e pureza, unia ella vasto conhecimento dos differentes ramos das sciencias. Dizendo-lhe elle um dia quanto o tinha surpreso achar tanta instrucção em annos tão verdes e em pessoa tão retirada do mundo, começou ella a fallar com enthusiasmo do seu bemfeitor. — Ah! accrescentou ella, a ninguém tem causado tantos males esta horrível guerra, pois me deixou desamparada e só sobre a terra!

Mas Henrique jurou em segredo que não ficaria ella desamparada, porque neste valle solitário tinha elle experimentado, pela vez primeira, a sensação de amor.

O tempo que devia demorar-se em Bagnères estava quasi a expirar, e todos os dias esperava elle ordens para reunir-se ao exercito. Soccorros pecuniários não podia elle deixar-lhe, que nem mesmo a velha os queria já aceitar, e o tímido Henrique não ousava confessar a Mira o amor que lhe consagrava.

(*Continúa.*)

POESIA.
ARARIBA'.
POESIA AMERICANA.

Eu sou filha das florestas
Da formosa Guanabara;
Tenho o semblante moreno,
Minha belleza é mui rara;
Minhas roupas são das pennas
Do Granhatá e d'Arára.

Meus cabellos são mui negros,
Lustrosos como o setim;
Teém meus olhos, côr da noite,
Um luzir que não tem fim;
Tenho nas faces, nos lábios,
Linda côr do (*) Camboim.

Lá no centro das florestas
Quando começo a cantar,
Vêem — jovens — lindos guerreiros
Junto a mim se ajoelhar;
Todos elles são vassallos
Que tem feito o meu olhar.

E na *taba* dizem todos
Que eu sou filha de *Tupã*;
Que som mais suave e terno

Do que o meu canto não ha!...
Que não ha mulher mais bella
Que a formosa Araribá!...

Todos ali dão-me fructas,
Dão-me flores de mil cheiros,
Vêem enfeitar minha rede
Com as palmas dos coqueiros!...
Tecem-me lindas capellas
De flores de cafezeiros.

— 158 —

E — bem sei — que sou mui linda,
De mim mesma sou avara:
Quem podéra ver meu rosto,
E logo me não amara!...
Eu sou filha das florestas
Da formosa Guanabara.

Tenho *boré* e *tacápe*,
Como a corsa sou ligeira;
E minha setta emplumada
Se do arco é despejada,
Lá vai á caça certa.

E se alguma imiga tribu
Vier a minha offender,
Hei de marchar á peleja,
Jamais me vereis correr;
Eu sou filha de guerreiros,
Hei de a pé firme morrer.

Quando me ataca o jaguar,

O feroz tigre, a irára,
Nunca tremer me vereis,
Nem hei de voltar a cara;
Que eu sou filha das florestas
Da formosa Guanabara.

1854, 5 de Maio.

LEONOR G***

CORREIO DOS SALÕES.

Dilim! Tindilim! Dilim! Tindilim!

Correio! Correio! O *Correio dos Salões*, senhoritas: ainda agora mesmo chegou!

Vamos ás noticias! venhão as cartas!

Olá, se vamos. Mas... um instante, senhoritas, attendei-me:

Não sou correio de cartas; isso é velho, e tem custado muito a pôr a bom caminho. Como sou por natureza excessivamente curioso, não posso haver-me com papeis reservados, e sobretudo lacrados. Estou prompto a saracotear toda a cidade em busca de D. Mariquinhas, que nunca conheci, ou do primo Chiquinho, que ha muitos annos foi meu companheiro de escola e o perdi de vista; não duvidarei mesmo redigir, conforme puder, para serem melhor entendidas, as noticias que me derem, as novidades que me contarem; mas — de boca — somente; por escripto, nada — absolutamente nada, a não ser papel aberto que eu leia de principio a fim tudo quanto mandarem dizer.

Dou recados, noticias e flores:

Deus me livre de cartas d'amores!

Vivo alegre chocalhando assim...

Tindilim, Tindilim, Tindilim!

Vou andando meu caminho, depois de feitos os cumprimentos. Vejamos o que de bom trago nesta mala.

Cá está um cravo branco com o letreiro — para *Nhanhan* — ignoro o conteúdo. Vem muito murcho para servir entre os cabellos da bella: gaveta com elle, que é o maior obséquio que se lhe póde fazer, se é que a condição é de mostral-o em tempo determinado ao pobre babão.

Esta rosa-Alberto, sêcca — com direcção ao nono par da quinta quadrilha do baile campestre.... Os anjos que lhe respondão.

Aqui está um bilhete de visita com as iniciaes R. C. M., e este bonito quaderno de musica — o *Bouquet das Pianistas*. Conheço esta publicação musical ha mezes; tem dado bellas composições para canto e piano, e esta é uma dellas (tambem entendo da matéria) cujo titulo é bem empregado — *Suspiros da minh' alma*. — Um! Que poesia! Como falla commigo este titulo... Vamos, Sr. *Correio dos Salões*, vamos para adiante. E' um improviso do Sr. Geraldo Antonio Horta, dedicado á Illma. Sra. D. Maria Leopoldina Navarro; vem com direcção á Redactora em chefe do *Jornal das Senhoras* o presente.

Este Sr. Horta, pelo que tenho visto de suas muitas producções, é um nascente e bello talento musical que deve ser aproveitado. Ouso reccommendar-vos, senhoras, as composições deste jovem pianista, e ainda mais — que sejais assignantes do *Bouquet das Pianistas*.

Cá está mais outra composição do mesmo autor — *Sonho das Fadas*. — Esta quadrilha distribue-se com o *Jornal das Senhoras*; deixo a decisão do seu merecimento ás suas mimosas assignantes.

Este escripto com privilegio de annuncio. — « Temos na rua do Ouvidor n.º 91, em casa do Sr. J. J. F. Coelho, mui bonitas musicas; encontra-se entre ellas a *Marcha fúnebre* aos restos mortaes do Conselheiro José Clemente Pereira, por Nolte — *Como é bella a minha Pátria*, musica para canto, por João Cyrillo Moniz, as quaes merecem a sua attenção; sei que é amador, venha vel-as á esta sua casa. » Muito obrigado, meu senhor, pela sua delicadeza; por ora estou com uma unha num pé... que me faz ver os lampeões de gaz todos apagados em noite de chuva!

Aqui vem, nesta folha de papel assetinado, um voto de agradecimento ao Sr. Barão de Mauá, de todas as senhoras que por este cavalheiro forão obsequiosamente tratadas na festa da inauguração da estrada de ferro. Aproveito a occasião, e addiciono-lhe os meus agradecimentos tambem, não obstante ir ficando fechado dentro da carruagem, por mais que gritasse que me abrissem a porta.

Passei por um logar, onde ao portão de uma linda chácara estavam sentadas para cima de vinte senhoras, que pela conversação me parecerão todas ciumentas de mão cheia; estas senhoras queixavão-se amargamente da mudança das horas da viagem a Petropolis pela estrada de ferro, e dizem umas ás outras com uns olhos.... ali!... se a Directoria os visse, havia de lhes dar razão... « Ora está claro que partindo a barca da cidade ao meio dia e voltando de Mauá ás nove horas do dia seguinte, os nossos maridos, que são negociantes e Empregados públicos, não poderão passar as noites em Petropolis, quando lá estivermos, sem perderem um dia e quasi

dous das suas occupaões, o que por certo não aconteceria se a barca, como mui bem foi determinado, partisse de cá ás tres horas da tarde, e de lá para cá ás oito horas da manhã; era conveniente para todos, e a companhia lucraria muito mais, porque teria toda a preferencia a estrada de ferro; mas assim!... antes a viagem da Estrella, nos carros allemães, que ao menos é dez tostões mais barata que a outra. Quem sabe (dizião ellas) se estas mudanças não são estrangeirinhas feitas pelos nossos *Adãos* para nos deixarem ficar lá sósinhas?... Ah! que tyrannia! »

E ainda ficão dizendo mais cousas, que não pude ouvir, por ter pressa, e chegar em tempo de assistir á estréa dos cantores Ferranti e Arnaud, cujas pessoas nem de vista as conhecia; mas fiquei conhecendo. — Um faz tudo quanto póde, e o outro faz muito, porque não póde; por outra: o Sr. Ferranti canta, pula, e brinca na scena com graça; o Sr. Arnaud é homem serio, posado, não é de graças, dá conta do seu recado e retira-se: é um destes muitos cantores que os cegos lhe apreciarião a voz, e a platéa, de costas para elle, nada perderia. Não sei se me explico mal.

Aqui tendes, leitoras, mais uma novidade escripta a lápis nesta meia folha de papel, por uma pessoa muito vossa conhecida, e que está, como eu, admirada do como vai suave o presente anno de 1854! Antigamente prendião-se os homens para casarem, mas hoje são presos para não cahirem nessa. Em Nictheroy deu-se este caso ha dias, com um moço, segundo me contão, devorado por uma paixão cega por certa menina, que em pontos de amor tambem não lhe ficava atrás! Ora, se isto assim é, que pena não unirem estas duas creaturas cujo crime é só amor... !

Se o projecto passa a ter força de lei, leitoras, desde já revoltai-vos contra tão absoluta usurpação do vosso mais exclusivo direito. Preso por amor...! Quem, senão vós, será capaz de tanto? A cadeia de amor não tem ásperos e grosseiros ferros, grades negras e duras, quartos humidos e sombrios; não ha nada disto por lá, segundo contão os que já têm estado nessa prisão e andão soltos com alvará de fiança: a cadeia de amor, não forão homens que a construirão, foi a Divindade Suprema quem a creou, e o que é de Deus é sempre bom. Emanação celeste, encantos da vida, feitiço, mandinga ou tentação, a cadeia de amor pertence-vos de direito, Senhoras; é bem dentro do vosso coração, sob a guarda vigilante de vossos olhos apaixonados, que ella existe, mais forte e segura, que essas nauseabundas masmorras onde o ouro corrompe tudo corrompendo antes o delinquente.

E do mais, leitoras, se não acudis em tempo á guarda dos vossos direitos,

Dos que votão puro e santo

Amor terno e constante,

Tremendo a cada instante,

Coitadinhos, que será?!

Mudemos de assumpto, e vejamos este outro papel dobrado..... Já sei: é a lista dos bailes do mez: temos o *Campestre*, *Vesta*, e depois a *Sylphide*. O Cassino reserva-se para mais tarde, e o mundo elegante atavia-se para lhe fazer a corte, concorrendo entretanto a embellezar algumas reuniões e bailes particulares dos poucos que tem havido.

Apezar de ser infeliz na dança, porque tonteio ou erro as marcas; no jogo mysterioso dos olhos, porque uso de óculos; na conversação, porque sou feio como um Tamanduá, e de mim as bellas, com toda a razão, fogem para os *dandys* de bigode engommado; comtudo, gosto dos bailes, e não posso deixar de aconselhal-os aos que são feios como eu, porque confesso que é onde mais facilmente me esqueço disso, e d'onde volto sempre satisfeito e contente: oxalá ao chegar á casa o meu maldito espelho me não destruísse as bellas illusões em que venho embebido.

Leitoras, a mala não tem mais nada por hoje; se as noticias vos não agradarão, a culpa não é minha. Tenho apenas os pontos e vírgulas e alguma palavrinha aqui e acolá; porque bem sabeis que não se póde *contar um conto sem accrescentar um ponto*; tudo o mais mandarão-vos dizer pelo *Correio dos Salões*, o qual submete-se desde já a qualquer censura, recebendo o castigo de vossas delicadas mãos com a devoção que sempre vos dedicou e ha de dedicar o

Beijamim.

BOLETIM DOS THEATROS.

Sábbado, em Santa Thereza (theatro de Nictheroy) representou a companhia de S. Pedro (theatro do Rio de Janeiro) *O Tecelão*, ou Um Dia de Soberania.

Domingo, em S. Pedro, representou-se o *Othelo*, ou o Mouro de Veneza.

Segunda-feira, no theatro de S. Francisco, em beneficio de Mr. A. Labbée, regente da orchestra, a antiga companhia franceza representou: — *E. H. Comédie-Vaudeville em 1 acte*. — *Clémon, ou la femme d'artiste, comédie-vaudeville em 2 actes*. — *Ma femme et mon parapluie*

— 160 —

Le parapluie sera mis en loterie, vaudeville em 1 acte.

Terça-feira, no Provisório, á vista da grande concurrencia, e estrondosos applausos, a Directoria decretou que se repetisse ainda o *Elixir*.

Quarta-feira, em S. Pedro, foi transferido *Os Seis Degraós do Crime*, por causa do máo tempo.

Quinta-feira, em S. Pedro — *A Pobre Mãe*, e as portas trancadas no Provisório, em consequencia do *adoecimento* da Sra. Cayroli, que *relaxou o estreamêto* da Sra. Casaloni, na *Cenerentola*.

— Então, Sr. *Tympano*, de nada mais sabe, respeito ao lyrico?

— Sim, minhas leitoras, fizestes bem interrogando-me, pois que ia-me esquecendo o triumvirato das senhoras Candiani, Jacobson e Castrup, na terça-feira, na Igreja do S. Francisco de Paula, em sua solemníssima festa.

Oh! Que epocha de arromba temos tido!... Ha muito que se não reúne tanta brincadeira para o nosso povo insaciável de folia!..... Espectaculos em portuguez, francez, italiano..... Abertura das câmaras, com a logração dos digníssimos representantes do Norte..... Gaz acceso de noite pelas ruas e praças.... chaminé á toda a hora no gozometro, da altura das torres dos Clérigos, e observada sem luneta do cume dos Alpes.... Estradas de ferro e carros a vapor em Mauá.... Novos chafarizes embandeirados deitando água e foguetes.... Festas de igrejas com duetos, tercetos, quartetos e operas lyricas.... Guerra dos Turcos com os Russos, intervindo a França e a Inglaterra.... Formidável temporal na noite do dia 8.... A festa do Divino nos batendo á porta com o indispensável fogo, e as competentes barraquinhas!!...

Que pagode,
Que folia
Para a vida
Da nação!
Bem dizia
Minha tia
Que era tempo
De funcção!
Longe esteja,
Brasileiras,
De vós todas
O demônio,
Nas futuras
Brincadeiras
Das fogueiras
Do patusco

Santo Antonio!

— Mas, Sr. *Tympano*, explique-nos o nexu que tem toda essa sua miscellanea com o *Boletim Theatral*.

— Ora essa!... Pois as senhoras não advinhão que para fazer-se esses versículos é necessário uma veiasinha poética, e que o *Tympano* sendo, como é, amantetico das musas, ha de por força divagar um poucachito?....

Cuidarieis no emtanto que eu estaria na ordem, noticiando-vos a chegada da *Ida* á Gibraltar, e no *emtanto* essa *Ida* que cuidarieis a *Edelvira* — era um navio mercante, que lá foi ancorar no dia 14 de março!!

Vou-me chatando para o Provisório, que hoje é com effeito a estréa da Sra. Casaloni: os Santos da côrte do Céu a ajudem, e a mim não desamparem, para ouvil-a com toda a minha attenção.

O Tympano.

A felicidade entre dous.

Dous amigos de gênio diverso conversavão um dia ácerca das suas occupações e de seus projectos. Um delles, vivo e ambicioso, contava com valor tudo quanto havia intentado, todas as viagens que havia feito, todos os expedientes que tinha imaginado para preencher o vácuo immenso de seus desejos, todos os projectos de engrandecimento que lhe havião falhado; e concluiu com estas tristes palavras: « *Oh! meu amigo, quanto é difficil ser feliz!* »

O outro, mais moderado, tambem lhe contou que se havia costumado a viver de pouco; a cultivar o seu jardim, a governar bem a sua familia dando-lhe bons e edificantes exemplos; a pôr um freio a seus desejos; e acabou com estas palavras, olhando para o outro com ternura: « *Ah! meu amigo, quanto é fácil ser feliz!* »

Hoje damos aos nossos assignantes a 2.^a, 3.^a e 4.^a contradanças da quadrilha que lhes offerecemos domingo passado, intitulada SONHO DAS FADAS, sómente com a 1.^a e 5.^a contradanças. Agora está a quadrilha completa; mas resta-nos pedir desculpa do engano que houve na publicação intitulado-a LAGO DAS FADAS, no artigo que fizemos.

Acompanha este n.º 20 uma linda quadrilha de contradanças, intitulada — *O Sonho das Fadas*.